

O Livro do Desassossego

Sabe-se que a experiência da vida moderna trouxe consigo alterações significativas tanto no âmbito da vida social quanto no âmbito da sua representação estética. Portugal modernizou-se à sua maneira ao longo do século XIX. Sem deixar de ser um país marcado pelo cenário agrário, a nação portuguesa adentrava o século XX apresentando também características do ambiente urbano, que se impunha como o espaço do desenvolvimento, da modernização. [...]

Poeta da cidade, sem deixar de o ser também do campo em alguns momentos da sua poesia, Cesário Verde desempenha a função de introdutor da sensibilidade moderna, do tédio citadino, em poemas categoricamente identificados com os desafios que a vida urbana passara a apresentar aos portugueses, como é o caso de “O sentimento dum ocidental”.

Dando continuidade a esta vertente poética, Fernando Pessoa desenvolve extensa e variadíssima produção, na qual a representação do moderno alcança um de seus momentos mais destacados em Portugal. Não bastasse a própria criação da heteronomia, [...] Pessoa vai apresentar nos poemas em prosa do *Livro do Desassossego* um experimentalismo que não sugere apenas inovação formal, mas também desolação, obscuridade, alienação e desintegração. [...]

Se o Modernismo é niilismo, hostilidade à civilização e desencanto com a própria cultura, [...] os poemas em prosa de Pessoa identificam-se inequivocamente com o espírito do Modernismo. Desmanchando a superfície dada do real, lançam-se como estilhaços de sentido sem fio narrativo consistente, sem uma noção determinada de tempo e sem factos propriamente ditos (“autobiografia sem factos” é um dos seus subtítulos). [...]

Romance, antirromance, diário íntimo, livro, livro em potência, livro-sonho, livro-desespero, livro em ruína, antilivro, eis algumas designações apontadas pela crítica na difícil tarefa de conceituar o livro-caos do desassossego de Fernando Pessoa. [...]

Tendo apenas como companheiros “alguns poucos pares”, Soares apresenta a sua saída individual para os dilemas do tempo em que lhe foi dado viver: “a renúncia por modo e a contemplação por destino”. Esta espécie de recuo conservador diante da realidade histórica é apresentado por meio de uma forma inusitadamente contemporânea, fragmentária e desalinhada, compondo um todo heteróclito de difícil definição. [...]

Cabe, de facto, muita coisa na prosa fluida de Bernardo Soares, inclusive certo tom de saudosismo antimoderno, presente no fragmento 3, que, se por um lado o aproxima paradoxalmente do moderno Cesário Verde, por outro, o afasta da modernidade mais avançada presenciada em seus próprios dias:

“Amo, pelas tardes demoradas do verão, o sossego da cidade baixa, e sobretudo aquele sossego que o contraste acentua na parte que o dia mergulha em mais bulício. A Rua do Arsenal, a Rua da Alfândega, o prolongamento das ruas tristes que se alastram para leste desde que a Alfândega cessa, toda a linha separada do cais que-
dos – tudo isso me conforta de tristeza, se me insiro, por essas tardes, na solidão do seu conjunto. Vivo uma era anterior à que vivo; gozo de sentir-me coevo de Cesário Verde, e tenho em mim, não outros versos como os dele, mas a substância igual à dos versos que foram dele.”



40 A substância dos versos de Cesário Verde, particularmente em “O sentimento dum ocidental, identifica-se com a representação desidealizada do quotidiano moderno. [...]

Compartilhando com Cesário Verde este olhar que se coloca sobre o banal do dia a dia, percebido como substância mesma da vida do homem moderno, a prosa poética de Bernardo Soares pode de facto ser reconhecida como moderna. [...]

45 Convivem, portanto, no interior do *Livro do Desassossego* colocações muito diferentes entre si, por vezes identificadas com o sentimento eminentemente moderno da aceitação da fugacidade da vida e da valorização do instante passageiro [...]. Noutras circunstâncias, o sentimento é exatamente outro, em tudo oposto àquele anterior, revelando uma recusa e uma rejeição de tudo o que identifica a vida moderna.

50 A cidade movimentada, em constante transformação, tema essencial da representação da vida moderna, e, portanto, tema central da poesia moderna de Cesário Verde, com a qual a prosa de Soares reconhece ter afinidades, é, no mais das vezes, apresentada como ambiente que desperta a estranheza do narrador [...].

Bernardo Soares revela total incompreensão em relação ao cenário mutável, sentindo-o como uma incógnita diante de seus olhos “dormidores”. São tantas as mudanças e é tal seu deslocamento, que ele sente ter perdido a memória, estando “fora do tempo” em que lhe fora dado viver.

O tédio e a indiferença, sentimentos eminentemente modernos, acompanham o olhar deste “sonâmbulo”, que se depara com paisagens e cenários que lhe são completamente alheios, como é o caso das ruas [...].

CORONEL, Luciana Paiva, 2007. “A modernidade da prosa poética do *Livro do Desassossego*, de Fernando Pessoa”. *La Salle, Revista de Educação, Ciência e Cultura*, n.º 1, v. 12, 2007 (pp. 45-51) (adaptado e com grafia atualizada para português europeu)